

### **SETOR EXTERNO EM UM CONTEXTO INERCIAL**

*Instabilidade econômica e política na América do Sul emperram o desempenho do setor exportador brasileiro.*

Conforme o panorama de incerteza domina a economia internacional, os baixos níveis de confiança e de intenção de investimento já refletem sobre a diminuição da demanda externa pelas mercadorias brasileiras. Ao longo deste ano, as exportações de produtos básicos e manufaturados diminuíram significativamente em relação ao ano anterior, enquanto as importações permaneceram praticamente estagnadas. Deste modo, houve redução do *superávit* da Balança Comercial brasileira na comparação com o mesmo período do ano anterior, contribuindo em grande parcela para deterioração das contas externas neste ano.

O intercâmbio comercial do Rio Grande do Sul seguiu a mesma tendência do País. Apesar do desempenho positivo das exportações da indústria, o resultado tem sido sustentado apenas pelos embarques de produtos relacionados aos setores de Celulose e papel, Tabaco e Coque e derivados do petróleo e biocombustíveis. Um elemento fundamental para justificar o resultado modesto do setor externo continua sendo a restrição de demanda causada pelo encolhimento da economia da Argentina.

A taxa de câmbio, por sua vez, foi novamente movida pelo cenário externo. A continuidade da demanda por títulos da dívida americana produziu influxos de capital para os Estados Unidos, processo que contribuiu para manutenção do Dólar em um patamar relativamente valorizado perante as demais moedas. Em paralelo, a percepção do risco decorrente da instabilidade política e econômica na América do Sul se propagou sobre o Real, fazendo com que o câmbio assinalasse o maior valor, em termos nominais, desde a introdução da moeda, em 1994. Portanto, espera-se que o câmbio continue mais desvalorizado durante todo o próximo ano.

Tudo isso ponderado, as perspectivas para o comércio brasileiro não apontam nenhum indício de que o setor externo seja um dos vetores para o crescimento da economia brasileira no próximo ano. Espera-se que tanto as exportações brasileiras como as do Rio Grande do Sul registrem estagnação ao fim de 2020 por conta da manutenção do quadro de desaceleração mundial.

### **Balanço de pagamentos e comércio exterior do Brasil**

De janeiro a setembro de 2019, o saldo em Transações Correntes registrou um *déficit* acumulado de US\$ 45,7 bilhões (3% do PIB), superior ao registrado no mesmo período do ano passado (-US\$ 32,4 bilhões). A análise desagregada dessa conta mostra que o resultado foi determinado pelas alterações na composição da Balança Comercial e de Renda Primária, onde esta última será tratada logo a seguir.

A partir de agosto de 2019, o Banco Central do Brasil (BCB) realizou uma profunda revisão das estatísticas do Balanço de Pagamentos. Até então, a cobertura das transações entre exportadores residentes no Brasil e importadores não residentes era parcial, o que superestimava os Créditos Comerciais Ativos, conta que pertence a Outros Investimentos. Para solucionar esse problema, o BCB revisou a Pesquisa de Capitais no Exterior (CBE) e implementou o sistema de

Registro de Capitais Estrangeiros no Brasil (RDE-ROF), permitindo a melhor vinculação entre as exportações e seus pagamentos.

A revisão das estatísticas revelou que, para um mesmo Produto Interno Bruto, a economia brasileira trabalha com uma necessidade de financiamento externo superior daquela antes estimada. O valor apurado para os Investimentos Diretos no País (US\$ 62,1 bilhões) também encolheu, mas ainda é suficiente para cobrir o *déficit* das contas externas. Ademais, um desequilíbrio do Balanço de Pagamentos é praticamente descartado no médio prazo, haja vista a robusta posição externa do Brasil em razão do estoque elevado de Reservas Internacionais (US\$ 370 bilhões), sendo 113 vezes superior à dívida externa bruta, isto é, mais do que suficiente para honrar com as suas obrigações.

**Tabela 5.1. Balanço de Pagamentos**

(Em US\$ milhões)

	jan-out/18	jan-out/19	Diferença
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	<b>-32.372</b>	<b>-45.657</b>	<b>-13.285</b>
<b>Balança Comercial</b>	<b>43.493</b>	<b>29.145</b>	<b>-14.348</b>
Exportações	199.214	185.887	-13.326
Importações	155.721	156.742	1.021
<b>Serviços</b>	<b>-29.404</b>	<b>-29.633</b>	<b>-229</b>
<b>Renda Primária</b>	<b>-46.191</b>	<b>-46.443</b>	<b>-253</b>
<b>Renda Secundária</b>	<b>-270</b>	<b>1.274</b>	<b>1.544</b>
<b>CONTA CAPITAL</b>	<b>402</b>	<b>331</b>	<b>-71</b>
<b>CONTA FINANCEIRA</b>	<b>-34.216</b>	<b>-48.414</b>	<b>-14.199</b>
<b>Investimento Direto no exterior</b>	<b>-2.021</b>	<b>18.766</b>	<b>20.786</b>
Participação no capital	-6.212	18.264	24.476
Operações intercompanhia	4.192	502	-3.690
<b>Investimento Direto no País</b>	<b>60.789</b>	<b>62.126</b>	<b>1.336</b>
Participação no capital	44.126	60.849	16.724
Operações intercompanhia	16.664	1.276	-15.387
<b>Investimento em carteira - ativos</b>	<b>3.214</b>	<b>12.681</b>	<b>9.468</b>
Ações e cotas em fundos	1.840	7.799	5.959
Títulos de dívida	1.374	4.882	3.508
<b>Investimento em carteira - passivo</b>	<b>3.746</b>	<b>-6.248</b>	<b>-9.994</b>
Ações e cotas em fundos	360	-2.330	-2.691
Títulos de dívida	3.386	-3.917	-7.303
<b>Derivativos - ativos e passivos</b>	<b>1.836</b>	<b>1.077</b>	<b>-759</b>
<b>Outros Investimentos - ativos</b>	<b>8.965</b>	<b>592</b>	<b>-8.373</b>
<b>Outros Investimentos - passivo</b>	<b>-6.385</b>	<b>12.546</b>	<b>18.931</b>
<b>Ativos de reserva</b>	<b>11.940</b>	<b>-13.107</b>	<b>-25.047</b>
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	<b>-2.245</b>	<b>-3.088</b>	<b>-843</b>

Fonte: BCB. Elaboração: UEE/FIERGS.

Embora a revisão metodológica tenha exposto a deterioração mais acentuada das contas externas, foi o encolhimento do saldo da Balança Comercial brasileira que desempenhou um papel fundamental para agravar o resultado em Transações Correntes. Dados mais recentes sugerem que, de janeiro a outubro, o *superávit* acumulado<sup>1</sup>, de US\$ 36,2 bilhões, é o menor para o período do último triênio. Esse resultado reflete, essencialmente, o recuo das exportações brasileiras (-5,2%) quando comparado a 2018, uma vez que as importações apresentaram uma tímida melhora (+1,6%), devido ao aumento da demanda por Bens intermediários (+3,2%).

Conforme discutido no Capítulo 1, a desaceleração sincronizada em curso da economia mundial impede que o setor externo brasileiro seja mais dinâmico. A diminuição da demanda

<sup>1</sup> O resultado difere da Tabela 5.1, pois desconsidera o registro de exportação e importação de plataformas de petróleo e gás, contempladas pelo regime aduaneiro Repetro e Repetro-Sped.

global por importados, em grande parte causada pelo aumento das barreiras comerciais, tem implicado na queda do preço das *commodities* agrícolas, metais e energéticas no mercado internacional, mais evidente a partir do 4º trimestre de 2018, prejudicando o faturamento com as vendas externas de produtos do setor Agrícola (-5,9%) e da Indústria extrativa (-0,5%).

No entanto, o aspecto que mais implica em perdas para as exportações brasileiras, sobretudo da indústria de transformação (-7,6%), é a instabilidade econômica e política que atravessa a América do Sul. Entre eles, o encolhimento da economia da Argentina é o mais preocupante, já que, historicamente, o País vizinho representa uma fração significativa das exportações de manufaturados de origem brasileira. Desde o ano passado, o País convive com altas taxas de inflação e juros, efeito que tem sido retroalimentado por conta da forte desvalorização do Peso. Ademais, há uma forte incerteza quanto às diretrizes da política econômica da Argentina durante o próximo ciclo presidencial, tendo em vista a capacidade de realização de reformas estruturais de saneamento das contas públicas. Atualmente, a Dívida Bruta desse País é bastante elevada, sendo que boa parte dela está atrelada ao Dólar, o que, particularmente, a deixa mais vulnerável às desvalorizações do Peso. A resultante destes eventos é uma economia deprimida por mais tempo e sem capacidade para absorver os bens importados, prejudicando as vendas externas de produtos industrializados brasileiros.

Mais recentemente, protestos paralisaram parcialmente a atividade econômica no Chile e no Equador. Outros acontecimentos como a fraude das eleições e a renúncia presidencial na Bolívia, bem como a crise humanitária na Venezuela, são elementos que deverão contribuir negativamente, em algum grau, sobre as exportações de manufaturados este ano. Ainda é cedo para avaliar os danos causados ao comércio bilateral do Brasil com esses países, mas certamente o aumento da incerteza na região já é algo que extravasa as fronteiras dos países da América do Sul.

De acordo com essas perspectivas, não há evidência suficiente de que o setor externo seja pujante a ponto de ser um dos vetores do crescimento da economia brasileira em 2020. Muito pelo contrário, as projeções para o **cenário base** apontam que as exportações devem continuar estagnadas, fechando o próximo ano com um montante de US\$ 222 bilhões. Por outro lado, a expectativa é que a demanda por importados chegue a US\$ 193 bilhões em 2020, voltando a crescer em resposta a melhora das condições econômicas do cenário doméstico. Desse modo, o saldo comercial deve se acomodar abaixo dos US\$ 30 bilhões pela primeira vez desde 2015.

**Tabela 5.2. Perspectivas para as variáveis de comércio exterior – Brasil**  
(Em US\$ bilhões)

	2018	2019*	Cenários 2020**		
			Inferior	Base	Superior
Exportações	236,2	222,5	206,5	221,5	231,7
Importações	181,2	181,3	183,1	193,2	203,9
<b>Saldo Comercial</b>	<b>55,0</b>	<b>41,2</b>	<b>23,5</b>	<b>28,3</b>	<b>27,8</b>

Fonte: ME/SECEX. \* Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão UEE/FIERGS.

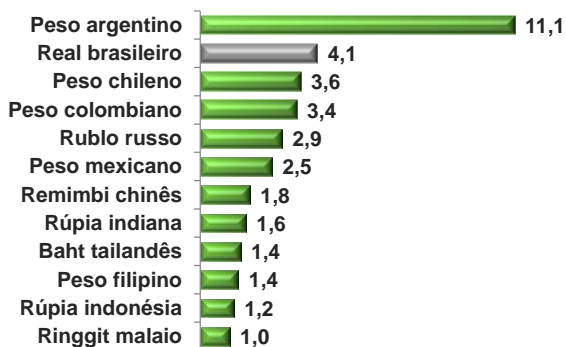
Obs: As projeções desconsideram as operações no âmbito Repetro e Repetro-Sped.

De um modo ou de outro, a desestabilização regional também se propagou sobre a moeda brasileira. Exceto o Peso argentino (+59,3%) e chileno (+19%), entre janeiro e novembro deste ano nenhuma outra moeda assinalou uma depreciação do câmbio em relação ao Dólar maior do que o Real (+15,3%), considerando uma cesta composta por 12 moedas de economias emergentes. Desde o início de 2019, a moeda brasileira tem experimentado um período de intensa volatilidade, a segunda maior entre os países Emergentes. Em algumas ocasiões, foi necessária a intervenção do Banco Central com a oferta de *swaps* para dar liquidez ao mercado

de câmbio. Mais recentemente, o Real chegou a ser negociado por R\$/US\$ 4,21, superando o recorde anterior alcançado às vésperas do 1º turno das eleições de 2018, e assinalando o maior valor da taxa de câmbio, em termos nominais, desde a adoção do Real como moeda, em julho de 1994.

**Gráfico 5.1. Volatilidade cambial em 2019**

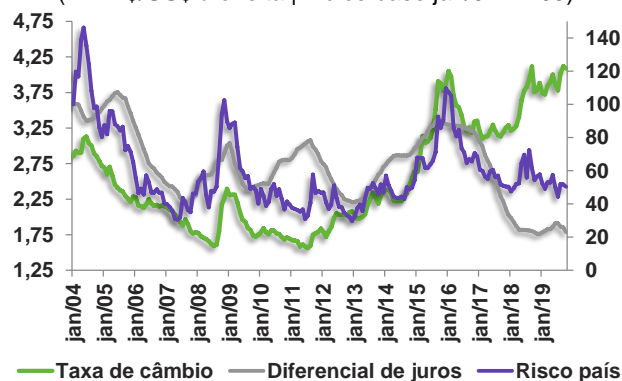
(Desvio médio em relação a var.% mensal)



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 5.2. Taxa de câmbio**

(Em R\$/US\$ à direita | índice base jan/04 = 100)



Fonte: Banco Central do Brasil, IPEA. Elaboração: UEE/FIERGS.

Existem indícios de que elementos domésticos, a saber, o desempenho econômico e a política interna, contribuíram em menor grau para as oscilações do câmbio. A partir da análise de seus fundamentos, fica evidente que o comportamento do câmbio foi movido pelo cenário externo. Se vale a paridade descoberta de taxa de juros, então a desvalorização da taxa de câmbio parece não convergir para seus fundamentos. Na verdade, a taxa de câmbio parece agir em sentido oposto, vide Gráfico 5.2, ao movimento observado no Risco país e no diferencial de juros desde meados de agosto de 2018. Mesmo com a expectativa refletindo a queda do risco de *default* da dívida pública, elemento de maior vulnerabilidade do Brasil atualmente, o câmbio seguiu pressionado durante quase todo o ano em 2019. Conforme discutido no Capítulo 1, o impasse da disputa comercial entre Estados Unidos e China não diminuiu o apetite por títulos da dívida americana, uma vez que o resto do mundo desenvolvido continua com taxas de juros próximas a zero. Como consequência disso, durante todo o ano houve maior demanda pela moeda daquele País, o que explica a manutenção de um Dólar mais fortalecido no mercado de câmbio.

Em síntese, é bem verdade que em dois pontos distintos – uma na fase inicial de lua de mel com a nova administração do Governo Federal, e outra após a aprovação da Reforma da Previdência – o Real apresentou um forte movimento de valorização em 2019. Tão logo essa calma passou, a incerteza gerada por eventos externos, como a Guerra Comercial e a desestabilização regional, ainda permanecem no cenário corrente, o que deve manter o Real pressionado, acomodando-se em um patamar relativamente desvalorizado para o próximo ano. Assim sendo, o **cenário base** espera uma modesta desvalorização em relação ao fim deste ano, onde a taxa de câmbio deve chegar a R\$ 4,19 ao fim de 2020.

**Tabela 5.3. Perspectivas para a taxa de câmbio**

(Em R\$/US\$)

	2018	2019*	Cenários 2020**		
			Inferior	Base	Superior
Taxa de Câmbio – Desv. (%)	17,1	7,1	-11,1	0,9	3,0
Taxa de Câmbio – Fim de período	3,87	4,15	3,69	4,19	4,28

Fonte: BCB. \* Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão UEE/FIERGS.

## Comércio exterior do Rio Grande do Sul

Transcorridos os primeiros dez meses de 2019, as exportações da indústria do Rio Grande do Sul totalizaram US\$ 10,3 bilhões, registrando um pequeno avanço de 1,7% sobre o mesmo período do ano anterior. O resultado reflete o atual cenário de desaceleração da economia mundial, conjugado com crises econômicas de parceiros regionais, como é o caso da Argentina.

Pela análise desagregada da pauta por atividade econômica, observa-se que a influência para o resultado das exportações industriais é bastante heterogêneo, concentrando-se nos setores de Celulose e papel, Tabaco e Coque e derivados do petróleo e biocombustíveis que, até o momento, assinalaram crescimento no acumulado de 67,3%, 25,4% e 78,8%, respectivamente. Ademais, o desempenho setorial aponta que apenas dez setores registraram crescimento, enquanto quinze apresentaram recuo sob esta base de comparação.

**Tabela 5.4. Exportações do Rio Grande do Sul por setor CNAE 2.0**  
(Em US\$ milhões)

	jan-out/18	Part. (%)	jan-out/19	Part. (%)	Var. (%)	US\$ milhões
Alimentos	2.429	23,9%	2.387	23,1%	-1,7%	-42
Tabaco	1.212	11,9%	1.520	14,7%	25,4%	308
Químicos	1.423	14,0%	1.312	12,7%	-7,8%	-111
Celulose e papel	711	7,0%	1.190	11,5%	67,3%	479
Veículos automotores, reboques e carrocerias	1.159	11,4%	906	8,8%	-21,8%	-253
Couro e calçados	757	7,5%	706	6,8%	-6,8%	-52
Máquinas e equipamentos	792	7,8%	634	6,1%	-20,0%	-159
Produtos de metal	393	3,9%	394	3,8%	0,2%	1
Borracha e plástico	254	2,5%	244	2,4%	-4,0%	-10
Madeira	177	1,7%	186	1,8%	4,7%	8
Coque e derivados do petróleo e biocombustíveis	89	0,9%	158	1,5%	78,8%	70
Móveis	159	1,6%	157	1,5%	-1,3%	-2
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	144	1,4%	133	1,3%	-8,2%	-12
Metalurgia	143	1,4%	112	1,1%	-21,4%	-30
Produtos diversos	93	0,9%	89	0,9%	-4,5%	-4
Minerais não metálicos	69	0,7%	55	0,5%	-20,8%	-14
Vestuário e acessórios	36	0,4%	38	0,4%	3,7%	1
Têxteis	41	0,4%	35	0,3%	-16,6%	-7
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	31	0,3%	34	0,3%	10,2%	3
Farmoquímicos	12	0,1%	14	0,1%	15,4%	2
Bebidas	15	0,1%	13	0,1%	-13,5%	-2
Indústria extrativa	11	0,1%	15	0,1%	35,2%	4
Indústrias diversas	7	0,1%	4	0,0%	-39,7%	-3
Outros equipamentos de transporte	4	0,0%	4	0,0%	-16,2%	-1
Impressão e reprodução de gravações	1	0,0%	2	0,0%	47,3%	0
<b>Total da Indústria</b>	<b>10.164</b>	<b>67,2%</b>	<b>10.338</b>	<b>68,8%</b>	<b>1,7%</b>	<b>175</b>
Básicos	4.870	32,2%	3.607	24,0%	-25,9%	-1.263
Serviços	0	0,0%	0	0,0%	-34,2%	0
Transações Especiais	92	0,6%	1	0,0%	-99,1%	-91
<b>Total Geral</b>	<b>15.126</b>	<b>100,0%</b>	<b>13.947</b>	<b>100,0%</b>	<b>-7,8%</b>	<b>-1.180</b>

Fonte: ME/SECEX. Elaboração: UEE/FIERGS.

Obs: Foram desconsideradas as operações com as plataformas de petróleo e gás que participam do regime aduaneiro Repetro.

Apesar disso, é preciso olhar com muita parcimônia para o resultado de 2019. No caso do Tabaco, o aumento das vendas externas é parcialmente justificado por fatores logísticos: os embarques programados para o 2º semestre do ano passado só foram realizados nos primeiros meses de 2019, por conta da indisponibilidade de contêineres e slots. Por sua vez, o segmento de Celulose e papel registrou uma venda atípica em janeiro (US\$ 420 milhões), o que exerceu uma influência significativa sobre o resultado no acumulado. Por último, o resultado para Coque e derivados do petróleo remete a uma base de comparação mais deprimida no ano passado.

Cabe ressaltar que o setor de Alimentos, segmento com maior participação na pauta do RS em valor exportado, ainda apresenta recuo nas vendas externas (-1,7%) no acumulado do ano. Embora venha registrando queda nos últimos quatro anos, as perspectivas para as vendas de produtos alimentícios são boas para o restante de 2019, uma vez que o setor já assinala o sexto mês consecutivo de avanço na comparação interanual, puxado pelos embarques de Carne de frango, suína e bovina *in natura*. O setor tem sido beneficiado pelo aumento da demanda externa por proteína animal em razão da peste suína africana, que assola a cultura de suínos na China. Contudo, é preciso ressaltar que o efeito da peste na pauta do Estado pode ser ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que colabora para alta nos embarques desses alimentos, também prejudica as exportações de soja e derivados, utilizados como insumos na produção de suínos.

Ainda que parte da indústria já tenha sentido a retração nas vendas externas e realizado ajustes na produção em função do encolhimento da economia argentina, o efeito estatístico da base de comparação mais elevada do ano passado – principalmente de janeiro a abril de 2018 – ainda permanece presente no desempenho de boa parte dos setores que apresentaram queda neste ano. Em especial, os setores mais sensíveis a este choque de demanda foram Veículos automotores, reboques e carrocerias (-21,8%) e Máquinas e equipamentos (-20%), pois ambos dominam a pauta de importados do País vizinho.

Por último, parcela importante da pauta de exportações do Estado, os produtos básicos – Agricultura, Produção florestal e Pesca e aquicultura – apresentaram uma retração de 25,9% em comparação ao mesmo período de 2018, sendo estes, em quase sua totalidade, determinados pela redução dos registros de embarque da Soja. A introdução de um novo sistema de declaração das exportações – Declaração Única de Exportação (DU-E) – produziu distorções substanciais no registro de produtos básicos, ao permitir o embarque antecipado de algumas mercadorias sem nota fiscal. Tal sistema atribui o *status* de mercadoria sem declaração de origem, o que vem a ser corrigido somente nos meses seguintes com a apresentação da nota fiscal por parte dos exportadores junto às Unidades de Receita Federal (URF's). Sob um olhar criterioso, observou-se que praticamente todo o grão de Soja é escoado pelo porto de Rio Grande. Uma estimativa pôde ser realizada através do cruzamento dos registros de mercadorias sem origem e a URF de Rio Grande, apontando que US\$ 586 milhões poderiam ser acrescidos à balança comercial em 2019.

Em consequência das distorções, o montante total exportado pelo Rio Grande do Sul está subestimado em demasia, totalizando US\$ 13,9 bilhões, produzindo um recuo de 7,8% ante o mesmo período de 2018. Considerando as estimativas para a Soja, e somando os demais produtos agrícolas que apresentaram o mesmo tipo de distorção no período, é possível que a queda das exportações do Rio Grande do Sul no acumulado seja bem menor: -3,7%.

As importações do Estado, por sua vez, diminuíram (-9,8%) consideravelmente em relação ao mesmo período do ano passado, acumulando US\$ 8,4 bilhões até o momento. Conforme segmentado pela classificação de Grandes Categorias Econômicas, observa-se que apenas os Bens de Capital assinalaram alta (+10,4%), especialmente pelo aumento da aquisição de Veículos de carga (+US\$ 84 milhões). Entre os Bens de Consumo (-45,2%), os duráveis responderam quase integralmente pela queda, sobretudo por conta da redução das importações de Automóveis de passageiros (-US\$ 541 milhões). Uma possível explicação para esse recuo é o deslocamento da operação de um centro de distribuição de automóveis para porto de Itajaí, em Santa Catarina. Ademais, a redução das importações de Óleos brutos de petróleo (-US\$ 427 milhões) teve um impacto significativo para a queda de Combustíveis e Lubrificantes (-35,1%).

**Tabela 5.5. Importações do Rio Grande do Sul por Grandes Categorias Econômicas**  
(Em US\$ milhões)

	jan-out/18	Part. (%)	jan-out/19	Part. (%)	Var. (%)	US\$ milhões
Bens intermediários	5.313	57,0%	5.308	63,1%	-0,1%	-5
Bens de capital	1.310	14,0%	1.446	17,2%	10,4%	136
Combustíveis e lubrificantes	1.349	14,5%	876	10,4%	-35,1%	-474
Bens de consumo	1.352	14,5%	778	9,3%	-42,5%	-574
Bens não especificados anteriormente	1	0,0%	1	0,0%	5,4%	0
<b>Total Geral</b>	<b>9.326</b>	<b>100,0%</b>	<b>8.409</b>	<b>100,0%</b>	<b>-9,8%</b>	<b>-917</b>

Fonte: ME/SECEX. Elaboração: FIERGS/UEE.

Em vista de toda essa conjuntura, e sob a premissa de que a economia global continuará em desaceleração, o **cenário base** do setor externo do Rio Grande do Sul apresenta estagnação das exportações para 2020, totalizando US\$ 17 bilhões ao fim do próximo ano. No que se refere às exportações industriais, espera-se que, por uma questão gravitacional, em que os principais mercados consumidores de produtos manufaturados orbitam ao redor do próprio Rio Grande do Sul, também se mantenham estagnadas (US\$ 12 bilhões). Questões de incerteza regional deverão impor alguma perda à Indústria de transformação do Estado. Espera-se ainda uma redução dos embarques de Produtos de metal, pois uma grande fabricante do setor inaugurou recentemente um complexo industrial nos Estados Unidos, principal mercado desses produtos. Contrabalaneando essas perdas, há uma expectativa de recuperação mais vigorosa do setor de Alimentos em 2020. A demanda global por proteína animal continua forte, o que deve estimular os embarques do setor no ano que vem.

Quanto aos produtos básicos, embora as estimativas da Conab sobre o crescimento da área cultivada da (+1,7%) e da produção (18.518 mil toneladas) de soja no Estado sejam boas para a safra de 2019/2020, o resultado das exportações de produtos básicos depende, em partes, da negociação do acordo entre os Estados Unidos e China. Um possível entendimento entre as duas potências deverá agir em favorecimento de produtos agrícolas produzidos em solo americano em detrimento do brasileiro, como ocorreu em dezembro de 2018.

Por último, as importações deverão fechar o próximo ano em US\$ 11 bilhões por conta da retomada mais vigorosa da economia brasileira e, conseqüentemente, da atividade industrial no Estado.

**Tabela 5.6. Perspectivas para as variáveis de comércio exterior – Rio Grande do Sul**  
(Em US\$ bilhões)

	2018	2019*	Cenários 2020**		
			Inferior	Base	Superior
Exportações	18,1	17,3	15,7	17,3	18,1
Industriais	12,2	12,2	11,2	12,3	12,8
Importações	11,3	10,6	10,1	11,0	11,4
<b>Saldo Comercial</b>	<b>6,8</b>	<b>6,7</b>	<b>5,6</b>	<b>6,3</b>	<b>6,7</b>

Fonte: ME/SECEX. \* Estimativa FIERGS/UEE. \*\* Previsão FIERGS/UEE.

Obs: As projeções desconsideram as operações no âmbito Repetro e Repetro-Sped.